

Não há Terra sem Saúvas

Ana Flávia Marú

*Artista e arquiteta,
mestranda no Programa de Pós-Graduação
Projeto e Cidade (Faculdade de Artes Visuais – FAV)
na Universidade Federal de Goiás (UFG).*

Henrique Borela

*Realizador audiovisual e cientista social, mestrando no
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social,
na Universidade Federal de Goiás (UFG).*

Octávio Scapin

*Psicanalista e arquiteto, doutor pelo Núcleo
de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
da Escola de Arquitetura da Universidade Federal
de Minas Gerais (EA-UFMG).*



No Brasil não há terra sem saúvas.

Revista de Agricultura,
Vol. 5, dezembro de 1930.



História Natural de Goyaz é uma coleção de 13 livros, calhamaços de aproximadamente 1200 páginas cada, capas duras com couro marrom bem escuro, tendo nas lombadas apenas um número natural, que localiza o tomo na série, bem como a indicação do nome do volume com letras douradas, ornamentação em relevo e um papel bonito. Estes nomes compõem a seguinte lista:

- 1 Aspectos das localidades goianas;
- 2 Primeiras Edificações;
- 3 O ônibus de saia,
- 4 Seres e pessoas de Goyaz;
- 5 O esqueleto da em a;
- 6 Cadmo: o herói civilizador;
- 7 O Monumento ao Trabalhador;
- 8 O Acampamento dos Trabalhadores;
- 9 Fclgança ou briga de galo no Pedro Ludovico;
- 10 Formigas vestidas;
- 11 Máquinas de Matar Formigas;
- 12 O estúdio fotográfico é um cômodo do palácio;
- 13 O tapete voador.

Em cada uma das 1200 páginas dos 13 volumes da série pode-se olhar para uma imagem, perfazendo uma coleção impressa de 15.600 imagens. Esta exposição é composta por objetos que foram feitos a partir de uma busca pelo que restou destas imagens em acervos públicos e privados. Nenhum destes acervos possui a coleção dos 13 livros, perdidos possivelmente no mesmo processo de destruição que os possibilitou. Na folha de rosto dos volumes podia-se ler: História Natural de Goyaz; o número do volume, ao centro; e a seguinte questão escrita na base da folha: as imagens da destruição devem ser destruídas?"

História Natural de Goyaz é o nome do coletivo e da pesquisa pelo qual se desdobra a exposição *Não há terra sem saúvas*. O coletivo foi formado pelos autores em 2019 a partir de algumas experiências compartilhadas na época, como o cineclubes Harun Farocki (grupo de estudos sobre as imagens) e a participação no Concurso de Habitação de Interesse Social realizado pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo do estado de Goiás. Estas experiências acabaram tanto por nos aproximar do debate sobre as políticas da imagem, a história da cidade, bem como de um arquivo¹ fotográfico particular, o da construção da nova capital para o estado de Goyaz.

Goiânia, na década de 1930, foi construída como o prenúncio de um progresso porvir, como entreposto e pista de pouso cuja escala aponta para a colonização – há séculos tentada – do interior à oeste das terras brasileiras. Goiânia “moderno-colonial” (Tavares, 2019): as fixas de agrimensura, o desenho do arquiteto e o obturador do fotógrafo vem em companhia do correntão cortando quase tudo em linha reta, a imposição da cidade no lugar, a construção do aeródromo, do fortim, do hotel, do palácio, do monumento, da prisão, da fábrica de máquinas de matar formigas. Tudo isso registrado por fotógrafos contratados pelo Estado.

A aproximação com os arquivos da construção de Goiânia, portanto, para além de promover um encontro com a cidade moderna do progresso brasileiro daqueles anos de ditadura, promove o encontro com um conjunto de vestígios do controle, pilhagem e destruição de mundos e seres que o processo de construção da cidade dita moderna faz perpetrar. As imagens da destruição devem ser destruídas? A pergunta que dispara a pesquisa é derivada de outra, feita por Georges Didi-Huberman em seu texto sobre o filme *Imagens do mundo e inscrições da Guerra*, de Harun Farocki. A pergunta é a seguinte: “por que, de que maneira e como a produção de imagens participa na destruição dos seres humanos?” (Didi-Huberman, 2018, p. 98).

Atravessar essa questão com um conjunto de imagens disparadoras (destacado de arquivos fotográficos institucionais) é o gesto fundamento da pesquisa que se desdobra em exercícios de contação, fabulação e ficção das histórias de mundos e seres implicados nos processos de construção e destruição da cidade moderno-colonial. O grupo tenta mobilizar revisões, reenquadres, questionamentos e remontagens em direção a exercícios dialéticos de “fabulação crítica” (Hartman, 2022) como formas de, a partir da imagem, “imaginar formas de sair dela” (Azoulay, 2019). Impressos, desenhos, instalações e montagens audiovisuais formam o conjunto de materialidades que compõem a pesquisa e a exposição *Não há terra sem saúvas*.

1. O arquivo pesquisado até agora está abrigado em diversas instituições: Secretaria de Planejamento do Município de Goiânia (SEPLAN), Goiânia, GO; Museu da Imagem e do Som do Estado de Goiás (MIS-GO), Goiânia, GO; CPDOC Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ; Arquivo Público do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Rio de Janeiro, RJ; Brasileira Fotográfica. Biblioteca Nacional (BN Digital), Rio de Janeiro, RJ; Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional (BN Digital), Rio de Janeiro, RJ; e Arquivo do Museu Aeroespacial, Campo dos Afonsos, Rio de Janeiro, RJ.

3

O nome da exposição nasce de uma das imagens disparadoras da pesquisa, a fotografia com o título: “Máquina de matar formigas ‘turbal’ e seu inventor Caran Zancul (à esquerda)” (Fig. 1) e que compõe o acervo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC FGV). A imagem é datada de 1937, quatro anos após a fundação da nova capital de Goiás, Goiânia. A imagem vertiginosa de uma máquina de matar formigas em plena construção na cidade moderna nos lança em direção ao que não aparece na imagem: as formigas. Elas, que além de empreenderem resistência ao projeto colonial, fazem flanco contra o avanço da metrópole. No *Código de posturas* da cidade de Goiânia de 1992, no capítulo XI “Da extinção de formigueiros”, é possível ler: “Art. 109. Os proprietários, inquilinos, arrendatários ou possuidores de imóveis situados neste Município são obrigados a extinguir os formigueiros porventura neles existentes”.



A responsabilidade pela extinção dos formigueiros era cobrada dos proprietários e inquilinos na década de 1990 em Goiânia, e em algumas outras cidades os serviços de extinção deviam ser feitos também pelo poder público, pois, de acordo com Silva (2007), “ao longo do século XX os serviços de ‘extinção de formigas’ estiveram, cada vez mais, associados a obras públicas, pois algumas edificações como pontes, mausoléus, entre outras, eram destruídas por saúveiros” (p. 30). Estariam as formigas no ímpeto de impedir a construção das cidades? As formigas teriam se rebelado contra a construção de Goiânia? Qual relação das máquinas de matar formigas com a construção da nova capital? Qual era o interesse do Estado na produção dessa imagem? O que diriam as saúvas se lhes fizessemos as perguntas certas?² A exposição, engendrada na construção das cidades (em especial da cidade de Goiânia), tenta tanto dar relevo à destruição de mundos e seres como para a escassez das narrativas que coloquem os seres humanos e outros-que-humanos para fabularem juntos, sendo estes últimos comumente tratados como pragas, inimigos e ameaça ao desenvolvimento e progresso da cidade. O movimento da pesquisa e consequentemente da exposição aqui apresentada, parte de um desejo de “fazer com” (Haraway, 2022), na insistência em dar a ver a produção de linguagem e de subjetividades que podem emergir dos atravessamentos entre mundos e seres, entre humanos e outros-que-humanos numa busca por “(...) narrativas reais que sejam também fabulações especulativas e realismos especulativos.” (Haraway, 2022, p.23). Antes de Goiânia nascer, antes do Brasil ser inventado, já haviam as saúvas. *Não há terra sem saúvas.*

A exposição foi montada em duas oportunidades: a primeira em 2021, em formato de protótipo, no antigo ateliê de trabalho de dois dos pesquisadores do coletivo; e a segunda, em 2023, na Galeria da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (UFG), quando contou também com a curadoria de Cacá Fonseca (UFPB). As obras selecionadas para a exposição foram: [1] *Um minuto por uma imagem* (2020); [2] *Folgança ou briga de galo no Pedro Ludovico* (2020); [3] *Dípticos* (2022/2023); [4] *Monumento ao Trabalhador* (2021/2022); [5] *Império das formigas* (2022/2023); e [6] *Palavras mordidas* (2022/2023)³.

2. Questão que faz alusão à obra de DESPRET (2021).

3. [1] *Vídeo 9'41"* - Ana Flávia Maru, Henrique Borela, Octávio Scapin, Pedro Henryque; [2] *Vídeo 11'25"* (Montagem a partir de fragmentos do filme *Ventos de Lizarda*, dir. Pedro Augusto de Brito, 1982) - Ana Flávia Maru, Henrique Borela, Octávio Scapin; [3] *Conjunto de Cianotípias em papel 100% algodão e texto impresso*. 29 x 42 cm (cada) - Ana Flávia Maru, Henrique Borela, Octávio Scapin; [4] *Fotografias, lupa de olho, aparelho reproduzidor de áudio e fone de ouvido*. 10 x 10 cm (cada), 10 x 8 cm e áudio em loop. - Ana Flávia Maru, Henrique Borela, Octávio Scapin, Pedro Henryque; [5] *Projeção fotográfica, carimbos, almofada de carimbo e banco* - Ana Flávia Maru, Henrique Borela, Octávio Scapin; [6] *Desenho de conversas com formigas saúva, lápis-de-cor sobre papel*. 28,4 x 21 cm (cada) - Ana Flávia Maru. - <https://cargocollective.com/historianaturaldegoyaz> - no site da pesquisa é possível acessar as duas obras audiovisuais, bem como acessar outras imagens e textos das demais obras e da exposição).











Legenda

Figura 1. Panfleto da exposição Não há terra sem saúvas (texto dos autores).

Figura 2. Máquina de matar formigas ‘turbal’ e seu inventor Caran Zancul (à esquerda). Acervo: CPDOC FGV.

Figura 3. Vista Geral da Exposição na Galeria da FAV-UFG, ao fundo vê-se à direita a obra [3] *Dípticos* e à esquerda a obra [5] *Império das formigas*.

Figura 4. Detalhe da obra [5] *Império das formigas*.

Figura 5. Obra [4] *Monumento ao trabalhador*.

Referências

AZOULAY, Ariella Aïsha. Desaprendendo momentos decisivos. *Revista ZUM*, nº 17. Instituto Moreira Salles. São Paulo. 2019a.

AZOULAY, Ariella Aïsha. **Potential History, Unlearning Imperialism**. Londres: Verso Books, 2019b [versão em ebook].

DESPRET, Vinciane. **O que diriam os animais?** Tradução de Letícia Mei. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Remontagens do tempo sofrido – O olho da história II**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

HARAWAY, Donna J. Ficar com o problema: Antropoceno, Capitaloceno, Chthuluceno. In: **Antropoceno ou Capitaloceno? Natureza, história e a crise do capitalismo**. MOORE, Jason W. (org.). São Paulo: Elefante, 2022.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos: Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais**. São Paulo: Editora Fósforo, 2022.

SILVA, Valéria Mara. **Nascidas do sol e da chuva: Minas Gerais e o combate às saúvas (1928-1936)**. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2007.

TAVARES, Paulo. **Entrevista em 8 reações para o depois (8 reactions for afterwards)**. 1ª edição. p. 88-90. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2019.

COMO CITAR

MARÚ, Ana Flávia; BONELA, Henrique; SCAPIN, Octávio. Não há Terra sem Saúvas. *RUA: Revista de Urbanismo e Arquitetura*, n. 12, p. 78-89, 2025.